

Cleópatra

© 2019 – Conhecimento Editorial Ltda

Cleópatra

E. Barrington

(*Cleopatra*)

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Monteiro Lobato
Revisão: Mariléa de Castro
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Caio Cacau

ISBN 978-85-7618-485-0
1ª Edição – 2019

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Barrington, E. 1862-1931
Cleópatra / E. Barrington ; tradução de Monteiro Lobato — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2019.
202 p.

ISBN 978-85-7618-485-0

1. Ficção inglesa 2. Cleópatra, Rainha do Egito, m. 30 a. C. - Ficção 3. Egito - História - Ficção I. Título II Lobato, Monteiro.

19-2172

CDD – 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

E. Barrington

Cleópatra

Tradução de
Monteiro Lobato

2019



Sumário

I – A rainha risonha	7
II – O fardo.....	16
III – A recompensa da rainha.....	26
IV – A reconciliação	34
V – O conselho de Apolodoro.....	41
VI – A perversidade de Alexandria.....	51
VII – A criança divina	58
VIII – No templo de Osíris.....	62
IX – Cesarion.....	71
X – A volta de César	77
XI – Calpurnia	86
XII – As duas esposas de César	96
XIII – Cícero e Antônio.....	106
XIV – As lupercais	116
XV – Pressentimentos de Calpurnia	126
XVI – A tentação de Marco Antônio.....	135
XVII – No acampamento de Tarsus.....	143
XVIII – A recepção de Cleópatra	150
XIX – As delícias de Alexandria	158
XX – Traição de Antônio	166
XXI – O retorno do infiel	174
XXII – A opala negra	181
XXIII – A astúcia de Otávio.....	185
XXIV – Explosões de amantes.....	192
XXV – O fim duma rainha	199

I - A rainha risenha

A pequena rainha exclamou com orgulho:

– “Se a mais gloriosa cidade do mundo me pertence, que importa César? Que possuem os romanos que valha Alexandria? Roma... uma cidade suja, de ruas estreitas, enladeirada, com as febres e a miséria rondando-a qual lobos – eu a detesto! Oh, a minha Alexandria, pura qual níveo cisne! César tem de saber que Roma não se tornará senhora do mundo enquanto as chaves do Oriente estiverem em minhas mãos.

A uma janela do palácio de Pelusium a jovem Cleópatra esquecia por um momento que estava exilada longe da sua capital – e seu corpo pequeno dilatava-se de orgulho.

– Que importa César? repetiu. Que permaneça em Alexandria até enfarar-se, ou até que alguém lhe crave um punhal no coração como o fizeram aquele outro romano Pompeu. O que não conseguirá nunca é escravizar-me.

Essas palavras fizeram que lhe caíssem de joelhos aos pés uma formosa criatura de sua idade, vinte anos, e um homem maduro, ambos aterrorizados com aquele desafio a onipotente República Romana.

– Vossa Divina Majestade queira reconsiderar o que disse e nunca falar precipitadamente. Quando nossos inimigos disputam, ganhamos nós. Poucas semanas atrás, quem poderia dizer se o ditador de Roma seria Pompeu ou Júlio César? A República Romana fez de Pompeu o guardião de Vossa Majestade e do rei-menino – e portanto só tínhamos de considerar

a Pompeu. Hoje está ele apodrecendo em Alexandria, e Júlio César, bem instalado no palácio real, deplora-o com lágrimas de crocodilo. Se pudéssemos acomodar-nos com César, Vossa Majestade reinaria novamente no Egito. Por que não há de a Estrela do Nilo brilhar lado a lado com a Estrela Romana e não como simples satélite?

Cleópatra riu-se – o mais belo riso do mundo, afagre e límpido como um regorjeio de pássaro.

– Grandes coisas pode fazer uma refugiada em Pelusium! Se meu pai, o rei do Egito, deixou um testamento de louco, casando-me, eu, a herdeira do Egito, menina de dezoito anos de idade, com meu irmão, um idiotazinho de nove, para que governássemos juntos – posso ser a responsável de todos os absurdos acontecidos? O menino esteve sob a guarda do tutor e do eunucos – e que caterva de vilões eram eles! E depois quiseram escravizar-me para benefício da minha irmã Arsinoe – a mais odiosa criatura que ainda floresceu por aqui, sempre pretendendo adorar os deuses mas realmente trocando olhadelas com todos os oficiais da guarda. E como não desejo transformar-me em múmia antes do tempo, fugi – e foste tu, e aqui a Charmion, os que primeiro me aconselharam tal passo.

Cleópatra roçou com o pé delicadamente calçado de sandália o ombro ela linda rapariga de joelhos a sua frente. Charmion ergueu os olhos, num sorriso. Apesar da distância hierárquica via-se que eram amigas íntimas.

– Eu aconselhei Vossa Divindade a que fugisse, porque quem escapa em fuga pode voltar, mas quem vira múmia, múmia fica para sempre. O que o sábio Apolodoro ignora é se o bom momento para reaparecer em Alexandria é este.

– Tudo depende de muitas coisas que não sei! disse a jovem rainha atirando-se a uma cadeira de marfim. Digam-me o que pensam – e então eu, Charmion e o sapientíssimo Apolodoro, constituiremos um conselho de Estado. Ergue-te, Apolodoro, fala e se eloquente!

Apolodoro, um alentado siciliano, ergueu-se de pé diante da rainha, que ao mesmo tempo representava a Majestade do Egito e era uma divindade humana, como sucessora dos Divinos Faraós Cleópatra valia pela encarnação da Vênus egípcia,

deusa Ísis em carne, e seus fiéis súditos honestamente a tinham como tal. Ergueu-se pois da poltrona de marfim com os olhos fixos no siciliano, na atitude que a própria Vênus, escravizadora de corações masculinos e semeadora de ciúmes nos peitos femininos, assumiria em igual emergência.

Mais grega que os gregos, o seu sangue ardente falava em todos os seus gestos felinos, na sedução do sorriso, na graça mimosa do corpo pequeno. Mãos e pés tinha-os infantis; os seios boleavam adolescentes. A moça emergia da criança como a manhã emerge da madrugada. Tinha o intrépido ardor grego da sua linhagem real e o pompeava com graça e humor, entressachados de arrufos de temperamento, ora atormentando, ora acarinhando, rápida na passagem do amor ao ódio – a mais mulher das mulheres. A primeira impressão que dava o seu rosto era a da pureza das linhas helênicas – nariz reto, de narinas delicadas; lábios finos; olhos de âmbar dourado, levemente estreitos; cabelos sombrios, com reflexos de bronze nas curvas ondeantes. Mas palavras não dirão nunca do jogo de luz e sombra dos seus olhos e lábios – o sol na paisagem. Estava ali a sua cintura mágica de Vênus – o com que eclipsava todas as mulheres e transpassava o peito de todos os homens.

Foi a consideração de tais encantos que preluziu a Apolodoro, secretário da rainha exilada, aquela ideia – a ideia de que o advento de Júlio César a Alexandria era de molde a repô-la no trono – a despeito do seu irmão imbecil, o rei Ptolomeu, de Poteinos, o infame eunuco, e ainda de Teodotos, o infamíssimo tutor.

O siciliano falou com o respeito devido a divindade, com Charmion a ouvi-lo de lábios entreabertos; Charnion morreria pela sua senhora e por aquele amigo – e para ver Cleópatra outra vez no trono de Ramsés, o Grande, empenharia a alma a todos os infernos. Mas Apolodoro falava.

– A real dinastia de Vossa Divindade teve o infortúnio de não ser nativa do Egito. Uma grega não goza da mesma aceitação que as antigas rainhas de estirpe egípcia; e para além de Alexandria, Nilo acima...

Cleópatra riu-se alegre.

– Para além de Alexandria! De que valem os bárbaros de Nilo acima, dessas áridas dunas de areia? Não, Apolodoro; Alexandria é o Egito e a chave do Oriente, e o que eu decreto em Alexandria é lei até onde se estendam os desertos da Líbia e da Arábia.

Aqui recordou-se da sua situação e o riso alegre lhe morreu num soluço.

– Sim... é Poteinos, o eunuco infame, quem hoje governa Alexandria, enquanto eu – eu breve poderei estar dançando num palco de Roma para ganhar meu pão. Seja. Dançarei lindamente e será isso o meu consolo...

– Os deuses imortais nos defendam de semelhante horror! Divindade, atendei-me. Poteinos e o menino-rei, vosso irmão, cometeram não somente a loucura ele fazer matar a Pompeu, vosso tutor, quando procurou refúgio em Alexandria, como ainda se deixaram enlear nas teias de César, recebendo-o no palácio e deixando-o agir como entende. César quer ver as águias romanas de unhas presas na carne do Egito. Cubiça a imensa riqueza de nossos reis. Deseja também a posse da nossa rainha – e temos de ver se a astúcia grega é tão viva em vosso cérebro como se mostra em vossos olhos.

Cleópatra encarou-o com um sorriso melancólico.

– Índia – ouro, diamante, mirra e especiarias, essa riqueza indizível ele anseia por leva-la a Roma num triunfo que alivie o tédio da velha república e faça dele o rei. Estou certa, Apolodoro?

– Certa, oniciente Ísis, respondeu o siciliano, que a aventura a tais ousadias para com o jovem soberana. Todavia há mais, acrescentou. Muito mais. Há César em pessoa.

– Que haja César! exclamou Cleópatra com indiferença. Um romano velho e tedioso. Um da igualha de Pompeu, que só vimos quando fugiu para aqui. Tutcu! Meu tutor! Nunca lhe pus a vista em cima. Que os deuses façam César envenenar Ptolomeu e Arsinoe e Poteinos e Teodotos, de modo que, varridos os ladrões, uma mulher honesta possa reaver seu lugar.

– Uma mulher honesta em Pelusium jamais será lembrada em Alexandria, onde os reinos mudam dedonos. Longe dos olhos, longe da consideração – e quem falará em prol de Cleó-

patra? A dificuldade é que não podeis lá chegar. Punhais aguçados barram-vos o caminho. Poteinos está alerta – o bruto insexuado. Mas César – Júlio César – não é um romano velho e tedioso. Ele...

– Cinquenta e quatro anos! Serapis nos valha! A razão de um homem dessa idade ainda viver é mistério que me escapa. Mas confesso que ele foi um grande homem.

Apolodoro ergueu as mãos súplices.

– Minha rainha, nada sabeis do homem César, e sim apenas do guerreiro e do político. Ouvi-me. Este é César! Doi-do pela mulher – e as mulheres doidas por ele. Tem brilho e fogo. Se fosse possível o milagre de Cleópatra transfazer-se em homem, teríamos Júlio César. Tem vosso ar ele alta origem – esse ar porcelana que nos rebaixa todos a argila grosseira. Não existe esporte em que não prime. Galopa de mãos a cintura. Possui ascendência divina, como vós. Sua origem entronca em Vênus. César é a própria aventura – é a alegria, o esplendor, a extravagância. Deu uma perola de sessenta mil libras em troca do abraço de uma mulher – e depois do contato a mulher lhe restituiu a pérola e o amou para sempre – e tinha ele cinquenta anos. E César a deixou! Mulher nenhuma o prendeu nunca – e porisso tão loucamente o adoram.

– Ah, seu eu pudesse vê-lo! Suspirou Charminon.

– Cinquenta e quatro anos! Repetiu Cleópatra, mas já sem convicção.

Apolodoro continuou:

– César é o terror dos amantes e dos maridos. Quando de volta das Galias penetrou em Roma, seus soldados em marcha cantavam: “Cuidado com as vossas mulheres, cidadãos! Traze-mos conosco o adúltero.”

Houve uma pausa, ao termo da qual o siciliano prosseguiu:

– É poeta, é artista, é um grande romântico, e de nenhum modo um bom homem. Longe disso...

Outra pausa. As ondas azuis do Mediterrâneo batiam rítmicas de encontro aos alicerces do palácio; brisas borboleteavam nos cabelos da rainha, cujas mãos aneladas de esmeraldas reais lhe descansavam pequeninas no regaço.

– Mas não possui coração esse romano? Aventurou a morena Charmion. Por que lhe dão as mulheres tudo em troca de nada?

– Recebem em troca a honra duma conquista sem igual no mundo – e os deuses sabem e isto não é grato as mulheres.

– Fraca honra, se está ao alcance de todas! Retorquiu Charmion.

– Menina que nada sabes: estás verde em semelhante matéria – estás ainda no alfabeto. Os mais sabidos juram que esse homem possui um coração – e que o revelará quando a mulher do destino o enfrentar. César é dissoluto porque procura entre mil a única. Poderemos censurar a quem procura? César está certo, mil vezes certo, de conservar seu coração para a Única, para a Sem Par. E essa mulher existe – respira...

No silêncio que se fez só murmuravam as brisas.

Cleópatra suspirou:

– Quem me dera estar em Alexandria...

Apolodoro ocultou o sorriso.

– Isso é uma impossibilidade. Significaria morte, e foi para escapar da morte que Vossa Divindade fugiu para a Síria e está agora em Pelusium.

Nova pausa. A rainha rompeu-a:

– Pobre homem! Como poderá arrumar os negócios do Egito sem minha presença? Ptolomeu só é rei por ser meu esposo – e Arsinoe, uma carinha de massa mal cozida. Nada a fazer sem mim.

– Nada, assentiu Apolodoro. Mas de que vale se Vossa Divindade entra em Alexandria transfeita em cadáver?...

– Cadáver! Eu jamais morrerei. Sinto em minhas veias a vida eterna – de Vênus, de Ísis. Não me descobriu Apolodoro como a reencarnação dessas deusas?

Agora uma pausa bem longa. Cleópatra cairá em meditação profunda, fazendo suspeitar que a sua alegria risonha não passava de máscara. Sim; aquela criatura era tudo para todos os homens, tal a sua extrema maleabilidade de perfeita comediante com a honestidade, porém, de, no momento, sentir o que representava. Assim, chorava e sorria com igual perfeição, tremia ante os mistérios de Ísis e ria-se a morrer

das “Divagações das Deidades Decadentes” que os moços escandalosos de Alexandria cartavam em festins, na companhia das mais alegres damas daquele extremo do Mediterrâneo.

– Apolodoro, disse ela severizando o rosto, eu declarei de-sejar ver-me em Alexandria e não podes mal-interpretar-me. Quero encadear César ou qualquer outro homem a minha cintura – se o fizer, fa-lo-ei bem. Mas jamais o será pelas razões que brilham nos olhos de todos os homens quando encaram uma jovem como eu. Tenho mais alma que corpo. Procuo, imploro o que chamam amor, e nunca a menor sensação de amor me estremeceu – nem me estremecerá jamais.

Um suspiro fechou a confissão.

Apolodoro sorriu com o seu sorriso másculo.

– Não desanimeis, onisciente Ísis. César vos ensinará o amor.

– César! O velho! Ele me ensinará a representar magnificamente bem, e só. Por isso é que as mulheres de cérebro como o meu parecem amantes mais apaixonadas que as rudes mulheres comuns – tipo Rodopis! Representamos nossa parte pateticamente, sem nunca penetrar na zona onde a paixão realmente impera. Fugimos do amor possível por amor de um amor que não existe deste lado das estrelas. Não – eu sou fria! fria! Tirito dentro de mim mesma. Sou virgem, Charmion – e tu não és donzela. Estou falando tontamente?

Charmion curvou-se e beijou-lhe o pé desnudo, levemente resguardado pela sandália.

– Minha Rainha falou a verdade, embora eu não saiba como a descobriu. Temo os homens e temo que minha Rainha um dia se esqueça por um homem – por um momento só que seja. Os homens lhe trarão sofrimentos – e alegria nenhuma.

– E tu, Apolodoro?

O siciliano sacudiu os ombros, dizendo:

– A vida é a vida, a sina é a sina e uma rainha não se iguala as demais mulheres. Repito o que disse: César vos ensinará! Ele é o tutor de prática longa.

Cleópatra nada retorquiu; um sorriso brincou em seus lábios traindo pensamentos intangíveis como raios de luar nas profundas do oceano. Nenhum dos seus amigos lhe perturbou

o curso das ideias.

Passados alguns instantes emergiu do sonho.

– Apolodoro, poderás erguer-me?

Disse e pôs-se na ponta dos pés, espichando os braços para o ar, como para sentir a sua própria leveza. O siciliano mirou-a com espanto.

– Podes erguer-me? repetiu Cleópatra.

Apolodoro mediu-a de alto a baixo. Sua veste de seda finíssima deixava entrever as formas perfeitas de dríade em noite de luar.

– Já alguma vez ergueste uma mulher? continuou a rainha sorrindo. Não num simples abraço, mas ergueste-a do chão e a carregaste por alguma distância?

– Sim, Majestade. Sou um homem forte, respondeu Apolodoro baixando discretamente os olhos, sem saber onde sua senhora queria chegar.

– Então carrega Charmion para eu ver. Ela é encorpadinha. Gosta de petiscos que criam carnes, a preguiçosa. Vamos, Charmion, aproxima-te.

Apolodoro enlaçou a rapariga pelos joelhos e ergueu-a, e passeou-a pela sala.

– Assim não, disse Cleópatra. Ela segurou-se em teu ombro. Isso diminui o peso. Tens de carrega-la como se estivesse inerte, como se fosse um tronco de árvore.

Assim foi feito, e depois de nova volta pelo aposento Apolodoro mostrou-se levemente ofegante.

– Agora eu! Exclamou a rainha. E, olha, nada de respeito! Esquece a filha dos Deuses e a divina Ísis e a coroa real, e carrega-me como se eu fosse um saco de trigo.

Apolodoro tomou fôlego e adiantou-se.

– Braços para cima, Majestade.

Ergueu-a aos ombros como se fosse almofadão de plumas e, esquecido da sua divindade, deu duas voltas pelo recinto.

– Está bem, disse Cleópatra, descendo junto a poltrona de marfim. Excelente criatura és tu, Apolodoro. Vem sentar-te aos meus pés, Charmion. Meus filhos, enquanto estive brincando, estive também pensando. Tudo está assentado. Volto

para Alexandria esta noite.

Ambos encararam-na, perplexos, Apolodoro apavorou-se com a responsabilidade.

– Como, real Senhora?

Cleópatra passou um braço pelo seu pescoço e outro pelo de Charmion, aproximando as duas cabeças de modo que pudesse falar no meio para os dois a um tempo.

– Os deuses se limitam a demonstrar sua vontade. Vamos, Apolodoro, faze teu testamento, e tu, Charnion, prepara os perfumes e o linho para a mumificação.

Ambos puseram-se a mira-la, atônitos.

II – O fardo

Nos reais aposentos do palácio que se erguia no promontório de Loquias, em Alexandria,

Júlio César meditava sobre um problema difícil.

Sulcara o Mediterrâneo com as suas galeras em perseguição de Pompeu, o rival, o único homem que lhe disputava a hegemonia do comando supremo; e ao alcançar Alexandria, em vez de encontrá-lo pronto para a batalha decisiva, recebeu das mãos do risonho e servil tutor de Ptolomeu, o menino-rei, a cabeça e o anel-sinete do general romano, assassinado por sabujos covardes, indignos de lhe lambe os pés.

Foi então que o sinuoso grego teve a surpresa máxima da sua vida. Que poderia esperar, a não ser a gratidão de Júlio César – e recompensas, promoção e todas as vantagens da venda do Egito a poderosa Roma?

Mas, com assombro de Teodotos, quando César viu a cabeça de seu nobre inimigo chorou. Lágrimas a fio correram pelas faces do grande guerreiro. Sim, Pompeu era inimigo, mas também era romano, um grande romano, um leão que os chacais haviam chacinado. E seus olhos terríveis caíram coléricos sobre o rafeiro infame.

– Escravo e covarde! Some-te de minha presença enquanto é tempo – e Teodotos sumiu-se da sua presença, indo acabar na Síria de morte horrível.

César reconhecia que o desaparecimento de Pompeu afastava do seu caminho um obstáculo. Não há sentimentalis-

mo em política, e ele sentia que o destino acabava de apresentar a grande oportunidade da sua vida. Mas que faria daquele rei-menino e de Poteinos, o eunuco-ministro? E que fazer da princesa Arsinoe? E que havia sucedido a rainha Cleópatra? O que lhe bacorejava melhor era fazer-se rei do Egito – rei sem coroa. Desde que sua intenção secreta era destruir a República Romana e dar a Roma um imperador, que seria ele, a riqueza, a importância, a magnificência do Egito, porta do Oriente, aplanariam maravilhosamente a sua ascensão ao trono. Sim, o Egito era um presente dos Deuses!

Mas os egípcios não queriam um ditador romano, afeitos que estavam a dinastia grega, longamente estabelecida. Apesar disso, queixavam-se e murmuram da rainha. Onde andava essa mulher? Desaparecera completamente, e esse fato aborrecia César, que tinha o palácio sempre rodeado da multidão rosante. Houvera já uma tentativa para envenenar a água dos soldados romanos.

Seu primeiro ato foi convidar o jovem Ptolomeu, sua irmã Arsinoe e o eunuco Poteinos a que viessem residir com ele no palácio – e nenhum se atreveu a recusar, embora cientes de que lá ficariam como reféns. A cena da chegada foi das mais impressionantes.

A frente, conduzindo a criança-rei pela mão, vinha a princesa Arsinoe, pálida menina de dezesseis anos, de feições delicadas e alguma beleza, apenas estragada pelo orgulho impertinente. Atrás deslizava Poteinos, com olhos de raposa na cara balofa, fofa mão pendente carregada de joias, vestido de purpura.

O olhar agudo de César notou aquela purpura mas nada disse. Era assunto que ficaria para depois. Feitas as saudações, César conduziu a princesa para a poltrona de marfim embutida de ouro, e deixou Poteinos de pé, a despeito ela fúria que lhe via nos olhos. Depois, dirigiu-se a ele, visto como Ptolomeu era muito criança para ser conversado.

– Não deveis ignorar que pelo testamento do falecido rei do Egito a República Romana ficou a guardiã deste menino e também a executora do testamento.

– Saiba o grande César que estou informado disso.

– Nesse caso pergunto por que o jovem rei Ptolomeu está rompido com a rainha Cleópatra, sua irmã e esposa na forma dos costumes egípcios, e por que nada foi comunicado a Roma, havendo ainda Ptolomeu mobilizado contra Cleópatra um exército. Vós, conselheiro do rei, não podeis ignorar que a matéria da disputa tinha de ser comunicada a República Romana, para ser decidida.

O menino-rei deu um pulo.

– Decidida? repetiu colérico. Eu sou o rei do Egito e o Egito não é província da República Romana. Por que motivo tinha eu de levar uma disputa ele família ao julgamento de Roma?

César lançou-lhe um olhar frio e severo como a morte.

– Sente-se, senhor. As crianças nada têm com este assunto. A culpa foi da rainha Cleópatra, que devia ter apelado para a justiça de Roma. Onde está ela?

O general principiava a perceber que naquele dissídio da família real estava uma boa oportunidade para Roma.

– Onde está ela? repetiu o menino atrevidamente. Lá sei? Lá me importa isso? Cleópatra não passa duma serpente, duma gata assanhada, e quanto mais longe de mim melhor. Faço votos a todos os deuses para que alguém a tenha matado, como o fizeram a Pompeu – e então me casaria com Arsinoe, se é que tenho de desposar uma irmã – raça que de testo...

César observava-o friamente.

– Sabe onde está a rainha escondida?

– Se eu o soubesse... começou Poteinos e o fulgor de ira dos seus olhos completou a frase. Mudando de tom, porém, continuou: Tudo quanto sei é que armou um exército e pretende disputar a Sua Majestade o trono, a tola. Se eu a apanhasse...

– A propósito de que foi a disputa? indagou César – e antes de ouvir a resposta já percebeu pelo rosto do eunuco que a rainha lhe afrontara o orgulho.

– Queria governar seu irmão rei (Governar a ti, pensou César). Queria virar este reino de pernas para o ar e não atendia a conselho de ninguém...

– Basta. Compreendo, murmurou César secamente, e diri-

gindo-se a Arsinoe: Princesa, deve haver alguma simpatia entre vós e a vossa irmã. Nada vos confidenciou ela a respeito?

– A mim? exclamou Arsinoe, e o tom do “mim” valeu como resposta.

César observava aquilo com desgosto, imaginando que a rainha ausente fosse daquele mesmo naipe. Mas negócios são negócios e ele voltou o olhar para Poteinos.

– Devo dizer que nenhum passo neste reino poderá ser dado sem o assentimento da rainha. Sua ausência suspende tudo. É o que em nome da República Romana recomendo. O rei deve licenciar o exército e a rainha será convidada a aparecer. Providenciai para isso.

– O rei opõe-se! Rompeu o menino com um olhar de desafio. Por que motivo licenciarei o meu exército? Quero apanhar Cleópatra. Se o general soubesse que serpente ela é...

César não lhe deu atenção, sempre com os olhos fixos em Poteinos.

– Providenciai para isso, repetiu.

O eunuco ergueu as mãos em protesto...

– Nobre César, vossa grandeza pede demais. Isso é impossível. Não sabemos onde Cleópatra se oculta – e muito o lamentamos... Quanto ao exército do rei, já recebeu ordem de marchar para Alexandria.

Estava por demais clara a ameaça. César tinha consigo poucos soldados, e conquanto suas galeras estivessem ancoradas junto aos muros do palácio, a força das galeras egípcias não podia ser desprezada.

Mas Poteinos imediatamente mudou de tom. A guerra em todas as partes do mundo endurecera os soldados de César e o exército de Ptolomeu passava duma horda. Além disso, atrás do punhado de homens ele que César dispunha estava o poderio imenso da República Romana. O melhor seria contemporar até que Cleópatra já não existisse; depois tudo correria a contento. Roma aceitaria o menino-rei, do qual o dono da vontade seria ele.

Poteinos abriu-se em cumprimentos a César. Falou de tesouros fabulosos, escondidos em sítios que ele conhecia. (Nada como o ouro para aplanar dificuldades, pensou consi-

go). César ouvia e sorria, repugnado, vendo que toda a política tinha que ser feita com aquele escravo traidor. Mas que fazer num Egito empolgado por tais mãos? Seria construir uma ponte de paus podres. Um passo – e o abismo estaria aberto diante de si.

Uma semana passou-se em que, cumulado de presentes que não podia recusar, César ainda não via claro na situação. Roma o chamava clamorosamente. Tinha de retornar. O Egito que ficasse entregue a sua sorte. Poteinos poderia ser crucificado mais tarde, se lhe trouxesse aborrecimentos. E os dias passavam-se em vacilações.

César trabalhava certa noite na pequena sala de mármore que dava para o porto e de onde se avistava o farol, uma das sete maravilhas do mundo. Seu secretário escrevia um despacho para Roma, que o general ditava passando e repassando pela janela. Sua situação era delicada em Roma, onde Sextus, filho de Pompeu, formava contra suas ambições um poderoso partido: e no Egito, ele o sentia, as coisas lhe escapavam das mãos. O eunuco intrigava e mentia; o jovem rei, cuidadosamente manipulado, mal escondia o seu ódio. Arninoe era uma silenciosa estátua de olhos baixos. Por meio de quem governar o Egito? César não percebia nada tangível sob suas mãos, e tinha a certeza de que, mal suas galeras se afastassem, o Egito lhe escaparia da dominação.

– Escreva que em dez dias estarei de volta, porque não vejo o que fazer aqui: o governo está nas mãos de uma criança e de um canalha. Escreva também ao Senado que se alguma coisa me suceder durante o retorno ficam sendo estas as minhas últimas palavras: Desconfiar de Poteinos. Não esquecer que juntamente com Teodotos foi ele o assassino do nobre Pompeu. Também acho que se algum romano for enviado a Alexandria, Marco Antônio, por exemplo...

Nesse momento o pesado reposteiro do aposento abriu-se e um vulto se apresentou. A mão de César foi ao cabo do punhal, porque na sua situação um general está sempre de atalaia contra os assassinos. O secretário, de um salto, havia-se posto rente ao amo.

– Chame a guarda!